

VITÓRIA DA DEMOCRACIA

A lista B, após a melhor votação da história da Academia de Coimbra, venceu as eleições para os corpos gerentes da AAC. Mais do que a vitória de uma lista com uma determinada composição ou emergente de um dado projecto político, tal votação traduz a vitória de uma proposta de unidade em torno de princípios que abrangem, desde já, largos sectores de estudantes e que, objectivamente, abrangerá, tarde ou cedo, muitos outros (mesmo entre aqueles que agora ainda votarem lista C, porventura por razões que decorrem de uma incompleta compreensão das questões fundamentais que se põem ao Movimento Estudantil, bem como de uma incorrecta avaliação da verdadeira natureza desta lista e do que ela significava).

Destas eleições, pode tirar-se, desde já, uma conclusão fundamental:

- uma ampla mobilização estudantil traduz, não o recuo das forças progressistas, como pretendia a direita, mas o seu reforço. Assim, cai por terra o eixo central da argumentação eleitoral da lista C que, apelando, ela sim, "de joelhos", a uma imaginária "maioria silenciosa", encontrou pela frente uma verdade que tem raízes bem sólidas na tradição democrática da Academia de Coimbra: a ampla mobilização dos nossos estudantes fez reafirmar e reforçar sempre aquela que é o traço essencial da sua opção, que é a de um Movimento Associativo unido e progressista e a de uma Escola virada para o futuro, cumprindo o seu papel de movimentação mais geral do Povo Português rumo à Democracia e ao Socialismo.

A lista B, agora Direcção Geral eleita, não vê a sua vitória como a de um sector particular de estudantes e muito menos como uma vitória partidária. Temos plena consciência do que de essencial estava na base do seu apoio eleitoral, bem como do que dela exige a urgência de Unidade do Movimento Estudantil. Temos também consciência do significado Conjuntural da votação verificada na lista C e bem como da importância que reveste ganhar os estudantes que nela agora votaram para a prática associativa, terreno onde, pela consciência clara que lhes dará dos seus verdadeiros interesses, lhes clarificará a sua opção futura. E nós não a recusamos, porque não temos dúvidas de que a mobilização dos estudantes parecesse prática, só virá reforçar o campo das forças democráticas; por isso queremos que ela se alargue, do mesmo modo que não tomamos a ampla participação eleitoral agora verificada, antes contribuímos para ela. Todavia, que fique claro: não somos a Direcção Geral representativa de alguns estudantes ou mesmo da totalidade dos estudantes que em nós votaram; somos a Direcção Associativa representativa de todos os estudantes da Academia de Coimbra. E, porque fomos eleitos em torno de princípios claros que são, sem dúvida, declaradamente os da esmagadora maioria dos estudantes e, objectivamente, os da sua quase totalidade, a nossa disposição de fazer um trabalho na Direcção Associativa que corresponda ao facto de representarmos todos os estudantes, não deve confundir-se com qualquer hipótese de fazermos cedências, mínimas que sejam, a pontos

programáticos das listas do direito, nomeadamente da lista C, ou de aceitarmos exigências veiculadas por "facturas eleitorais" que venham a ser apresentadas por oportunistas e "pescadores de águas turvas" que nada tenham a ver com os princípios da UNIDADE que agruparam os largos sectores que vieram a apoiar a nossa lista. Pensemos que um diálogo franco e aberto com todos os sectores interessados no avanço do MOVIMENTO ESTUDANTIL UNITÁRIO clarificará todas estas questões. Por nossa parte, tudo faremos para dinamizar e prosseguir esse diálogo a todos os níveis da acção do Movimento Associativo. Para que tal aconteça sob todas as formas possíveis propomos:

1. O máximo empenho no apoio e dinamização das estruturas associativas das escolas, conferindo-lhas o peso que elas devem ter na definição das grandes linhas da acção do Movimento Associativo a este nível.
2. O esforço que urge no fortalecimento da participação estudiantil em todas as secções e organismos autónomos da AAC, bem como todo o apoio à acção cada vez mais ampla e rica destas estruturas dentro e fora da Academia.
3. Tudo fazer para a dignificação e prestígio dos órgãos deliberativos dos estudantes, designadamente a Assembleia Magna, no sentido de que as suas decisões tenham o carácter vinculativo que legitimamente lhes cabe, procurando, na medida do possível, que a sua mobilização e a discussão prévia das questões essenciais que nela venham a ser debatidas, seja feita antecipadamente de forma ampla, nas estruturas sectoriais do Movimento Associativo nas escolas.
4. Finalmente, estamos permanentemente abertos ao diálogo com todas as organizações de estudantes que, da vocação partidária ou não, se empenhem de uma forma ou de outra na intervenção democrática no seio do Movimento Estudantil.

COLEGAS:

Estas eleições foram o verdadeiro "referendum" da Academia da Juventude.

Ao contrário da burla ilegal do Cardia, elas foram livres e democráticas. Que isto sirva de aviso aos saudosistas e aos que, em cada dia traem a vontade dos estudantes e das forças democráticas em geral nos órgãos de decisão não eleitos das nossas escolas e nos corredores da intriga e do arranjismo partidário variamente "convergente".

Os estudantes saberão construir o Movimento Associativo amplo e sólido que, democraticamente, será o seu instrumento de luta por uma Escola Democrática, por uma Vida Melhor para a Juventude e contra todos os que, dos gabinetes do Poder, das tocas da traição, ou dos poleiros do survilismo bem pago, atentem contra estes grandes objectivos, que são também os do Povo Português e que estão consagrados na sua Constituição.

24 de Fevereiro de 1978

A lista B, Direcção Geral eleita